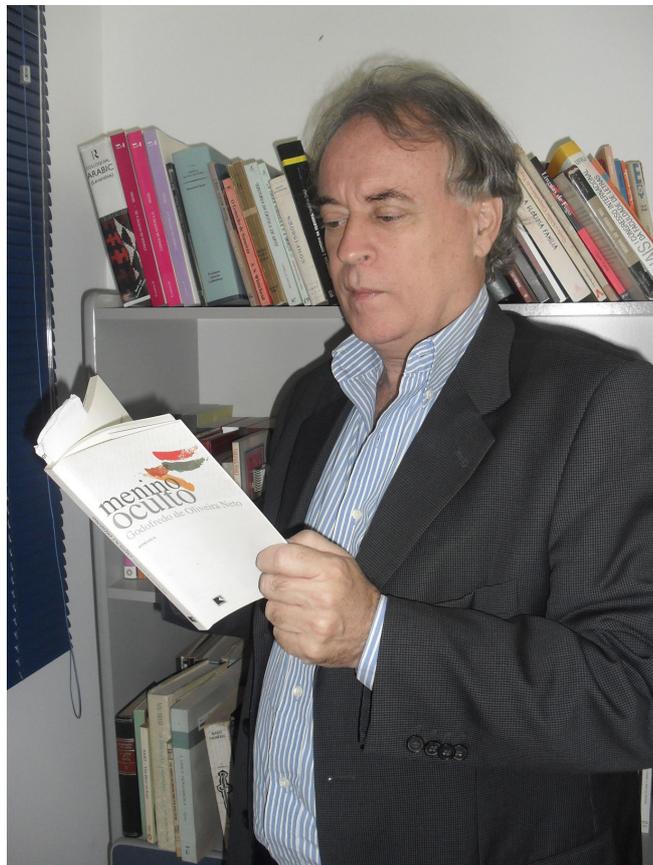


ENTRE O FICCIONAL E O ACADÊMICO
ENTREVISTA COM GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO

VERNACULUM



ENTRE O FICCIONAL E O ACADÊMICO

Entrevista com Godofredo de Oliveira Neto

Por Leonardo Barros Medeiros

No decorrer do mês de Junho, Godofredo de Oliveira Neto, Godô, como é chamado pelos amigos, concedeu esta entrevista para a revista *Vernaculum*. Uma entrevista que vem ao encontro do interesse dos nossos leitores, pois Godofredo divide seus afazeres de escritor com o de professor e o de pesquisador. Nesta entrevista, tivemos como base assuntos como a formação autoral, a importância da escola e os rumos da literatura brasileira contemporânea.

Godofredo é coordenador de um projeto inovador que pretende trazer à discussão os caminhos da literatura brasileira da década atual e a recuperação das categorias literárias. O projeto “O pós-pós: novos caminhos da prosa brasileira no século XXI” compara o esvaziamento da autonomia da literatura pós-moderna e o momento atual, e descreve suas ambições, contradições e equívocos

“

A cachaça que potencializava o seu ódio e fazia aflorar intensamente os seus anseios, frustrações e angústias era agora apenas o gosto de fel na boca. Ressaibo amargo. E o quotidiano ia diluir, lenta e inexoravelmente, os momentos passados. O Diamante, de toldado, retornava ao leito transparente, cristalino, pacífico.

”

In: O bruxo do Contestado

Sobre Godofredo

Nasceu em Santa Catarina e aos 17 anos mudou-se para o Rio de Janeiro, iniciando seus estudos de Letras e Direito. Em 1973, foi morar em Paris onde concluiu sua graduação em letras e relações internacionais pela Sorbone. Continuou seus estudos na França até titular-se como mestre. Em 1989, defende sua tese pela UFRJ e torna-se doutor em Letras. Autor de diversos livros: *Faina de Jurema* em 1981; *O bruxo do Contestado* em 1996; *Pedaço de santo* em 1997; *Oleg e os clones* em 1999; *Marcelino Nanmbrá, o Manumisso* em 2000; *Ana e a margem do rio* em 2002; *Menino oculto* em 2005 (laureado pelo Prêmio Jabuti); *Marcelino* em 2008.

Atualmente, leciona no programa de pós-graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, coordenando o grupo de pesquisa denominado “Pós-pós: novos caminhos da prosa brasileira no século XXI”. É embaixador da Academia europeia de ciências, letras e artes para a América Latina e preside a Comissão de Língua Portuguesa do Ministério da Educação do Brasil e o Conselho Científico do Instituto Internacional de Língua Portuguesa da CPLP, entidades responsáveis pela implementação do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

“

Se as palavras em si já são uma representação, por isso outro real, agora imagina se elas se referem a alguma coisa cuja existência é duvidosa! “Então é melhor e mais prudente calar”, dissertava arregalando os olhos

”

coloridos.

In: Pedaco de Santo

Vernaculum: Como se deu sua formação como escritor?

Meu pai lia poemas para mim com voz empostada. Ele gostava muito de Juca Mulato, de Menotti Del Picchia. Mais tarde, já no segundo segmento do ensino fundamental e entrando no movimento secundarista, eu tinha cerca de doze anos, os alunos mais velhos vieram me dizer que o autor de Juca Mulato não era bem-vindo nos meios literários e político-estudantis, porque o autor era “reaça”, com se dizia então. Fiquei com muita pena e hoje vejo como havia preconceitos no movimento político e a dificuldade de separar autor e obra. O lirismo caboclo do poema é fascinante. Li, para compensar, como me indicaram, A Cinza das horas, do Manuel Bandeira, da mesma época, e aprendi, de fato, a gostar muito do Bandeira. Juca Mulato e A Cinza das Horas são do mesmo ano e, de uma certa maneira, os textos fundadores da Semana de Arte Moderna de 22 no campo literário. Representam duas correntes estéticas que vão marcar o Brasil. Não digo que a minha formação venha necessariamente daí, mas o gosto pela arte da palavra vem dessa época da infância.

Vernaculum: Qual foi o papel da escola para sua formação?

A escola foi absolutamente essencial. As aulas de Português eram também fantásticas aulas de Literatura Brasileira. Eram texto e língua amarradinhos um no outro. Na escola, aprendi, já no ensino médio, aprendi pra valer, a ler os clássicos de Literatura Brasileira, de Alencar a Guimarães Rosa, passando pelo Monteiro Lobato lido antes no Fundamental. Um mundo se abria com a leitura dos romances, ajudado pela leitura explicativa e interpretativa do professor. Um outro mundo se descortinava para mim, não mais só o mundo de casa. Era o Universo inteiro A sensação de alargamento infinito dos limites dava calafrios na gente.

Vernaculum: Para você, qual a importância da escola para a formação do leitor?

Penso que a Escola é o locus que te conduz ao saber acumulado, ao saber universal. Vai desde as primeiras letras que te permitem ler um livro, criando a oportunidade assim de ouvir outras vozes e sentir outras respirações, compartilhar outros desejos e aspirações, rir, chorar, amar, odiar, crescer, contemporizar. Tudo isso só com a imaginação. Agora, imagina a força da leitura. A escola é um pouco a “Casa do espírito”, se comparada com o dia-a-dia banal. O conhecimento que a escola te proporciona te faz, necessariamente, mensurar e relativizar as coisas e te faz entender que você está inserido num contexto humano. A Escola é o centro irradiador do Humanismo.

Vernaculum: Alguns livros seus possuem como pano de fundo a história do Brasil, como é o caso de “O bruxo do Contestado”, “Marcelino Nanmbrá, o Manumisso” e “Pedaço de Santo”. Como você vê a relação entre a história e a literatura?

“

Quero voar com você, Ana.

*Já te sinto, borboleta desabrida.
Sinto o ar me refrescando o
rosto, me leva, teus cabelos me
turbam a visão, é nos seus vãos
que sonho, desvia das
montanhas, das árvores, voa,
querida, voa para sempre, sou
ten, agarrado às tuas asas, me*

”

leva, Ana, me leva.

In: Menino Oculto

Entendo que o romance de extração histórica (prefiro a romance histórico) é a representação onde os conflitos históricos se universalizam. Não é para ser um livro de história. A gente tem que ter em conta que o passado é fabricado a cada época. Não há uma verdade histórica propriamente. Os historiadores mais contemporâneos falam de “História, filha da época”. Desse conceito, surgiu essa vertente chamada história das mentalidades. A literatura não tem papel histórico. Ela conquistou sua identidade própria. Mas, é claro, o historiador pode se valer do texto literário. Mas, a meu juízo, o escritor não deve pensar nisso quando escreve um romance ambientado no passado.

Vernaculum: Como você conjuga o trabalho acadêmico com o autoral? Ser professor de alguma forma colabora para o seu estilo próprio de narrativa?

Essa é uma questão que a gente tem que administrar, de fato. A influência americana ajudou para que houvesse a ligação entre ensino e criação ficcional.

“

A seda azul-claro, os dois pequenos círculos rosados, os cabelos cor de mel, o corpo de menina de antes transformado em mulher pronta e acabada, pelos e peles alvas é que compartilhavam a palha de milho e o estrado duro da cama do pescador numa alternância de sonhos e ansiedades entre sorrisos de olhos verdes amendoados e ralhares do

”

senador.

In: Marcelino Nambá, o manumisso

Hoje até são considerados para título universitário de Doutor textos ficcionais. A PUC do Rio é um exemplo. Mas, é arriscado. No meu caso, por ter tido uma formação universitária francesa que separava as duas funções, fiquei 14 anos entre um livro de ficção e outro, digo em relação à publicação. Hoje concilio essas duas ações. A gente tem que buscar a voz interior, daí fica fácil separar o criador do crítico universitário.

Vernaculum: Atualmente, você está pesquisando sobre a literatura brasileira contemporânea. Como você vê a literatura brasileira atual?

Para mim, a literatura contemporânea passa por um processo de mudança em relação aos critérios exigidos pelo pós-modernismo. Há um pós-pós-modernismo. Penso que está se dando uma volta às categorias literárias construídas pelo estruturalismo. Vejo com certa frequência, de novo, nas páginas, a noção de amor substituindo o sexo desenfreado e a cocaína; vejo um cuidado maior com o suporte linguístico, com menos palavras, maior correção sintática; vejo a volta do enredo; vejo a diminuição da violência; vejo a expansão para um universo fora dos grandes centros urbanos; vejo maior delicadeza nas relações humanas e por aí. As categorias literárias se fortalecem novamente, os gêneros literários voltam pouco a pouco ao seu leito. Vejo uma preocupação com o bicho homem diante de si próprio e diante da natureza que vem reagindo a um modelito consumista auto-destrutivo e que pregava a competição desenfreada e a violência tolerada e até incentivada.